

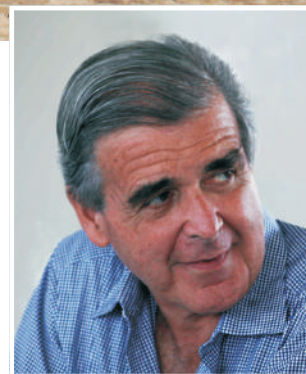


A carreira de soldado Uma profissão de fé Valores centrais do Exército Brasileiro

Pavilhão Thomaz Coelho

GENERAL DE EXÉRCITO MANOEL
LUÍS VALDEVEZ CASTRO

.....



Memória primeira

A reflexão inicial sobre o tema trouxe prontamente à lembrança o meu primeiro dia de aula no Colégio Militar do Rio de Janeiro, há exatos 56 anos.

Já na cerimônia de incorporação, ficou bem claro que cadetes de Thomaz Coelho não são tão – somente estudantes voluntários sele-

cionados com rigor, de quem se exige competência no desempenho individual de rotinas escolares. Muito acima disso, eles cumprem um mandamento de honrar o compromisso moral que os congrega. [E ali estava o Corpo de Alunos perfila-do para receber-nos]. É certo que, na solenidade, foi celebrado um autêntico “ritual de iniciação”.

A partir de então, vivemos e convivemos na segurança de caminhos sinalizados por líderes inesquecíveis, praticando uma orientação inspirada naquele compromisso de fidelidade aos valores éticos que foram, exatamente, os cânones verdadeiros da nossa formação cívica.

Valores centrais

O *Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército* oferece uma primorosa abordagem das principais *idéias-força* sobre *Valores, Deveres e Ética Militares*.

Discorrendo sobre elas com clareza e objetividade, registra que se trata de “conceitos indissociáveis, convergentes e que se complementam para a obtenção de objetivos individuais e institucionais”.

Define valores militares como “referenciais fixos, fundamentos imutáveis e universais” das instituições militares e descreve suas “manifestações essenciais” “*Patriotismo, Civismo, Fé na Missão do Exército, Amor à Profissão, Espírito de Corpo e Aprimoramento Técnico-Profissional*”.

O psicólogo social Milton Rokeach entende que “crenças, atitudes e valores estão todos organizados juntos, de modo a formar um sistema cognitivo funcionalmente integrado, de maneira que uma mudança em qualquer parte do sistema afetará outras partes e culminará em mudança comportamental”, advertindo que um eventual emprego arbitrário e permutável desses conceitos leva ao que Donald T. Campbell chamou “floresta terminológica”.

A conceituação a seguir é uma súmula das definições elaboradas por Rokeach em extensiva formulação conceitual, ora sucintamente

apresentada como uma espécie de rumo prático que sigo para chegar à idéia de valores centrais, contornando, prudentemente, aquela “floresta”:

- *Crenças* – “Inferências feitas por um observador sobre estados de expectativas básicos.” Todas as crenças são predisposições para a ação.

- *Atitude* – “Uma organização de crenças, relativamente duradoura, em torno de um objeto ou situação que predispõe para que se responda de alguma forma preferencial.”

- *Valor* – O autor expõe minuciosamente o conceito, explorando aspectos que sintetizo como: *Tipo de crença centralmente localizado no sistema de crenças de uma pessoa, determinante tanto de atitude, quanto de comportamento, não atado a nenhum objeto ou situação de atitude específica, constituindo ideal abstrato, empregado como padrão ou critério para:*

- *Guiar a ação, desenvolver e manter as atitudes em relação a objetos e situações relevantes.*

- *Julgar moralmente a si e os outros, bem como para se comparar com os outros.*

- *Influenciar os valores, as atitudes e as ações de, pelo menos, alguns outros.*

- *Sistema de Valor* – “Uma organização hierárquica – uma posição de ordem – de ideais ou valores em termos de importância.”

- *Centralidade* – “Uma variável organizacional em que as partes são concebidas como arrumadas ao longo de uma dimensão periférico-central, onde as partes mais centrais são mais salientes ou importantes, mais resistentes à mudança e, quando mudadas, exercem efeitos relativamente grandes sobre as outras partes.”

Tanto na abordagem do *Vade-Mécum*, quanto na visão de Rokeach, verificamos que valores fazem parte de conjuntos estruturalmente homólogos, enquanto concepções sistêmicas: a idéia de valores, deveres e ética militares como “conceitos

indissociáveis, convergentes, que se complementam”, na primeira, se coaduna com o entendimento de estarem crenças, atitudes e valores “organizados juntos, de modo a formar um sistema funcionalmente integrado”, na outra.

Além disso, os atributos dos valores militares – “referenciais fixos, fundamentos imutáveis e universais” – denotam que esses valores estariam posicionados no núcleo da disposição periférico-central concebida por Rokeach, quando caracterizou a variável “centralidade”.

Nessa ordem de idéias, é válido aceitar que valores militares já constituam, intrinsecamente, valores centrais, podendo ser visualizados como as “resultantes” de imaginárias composições vetoriais de “idéias-força” mencionadas no Vade-Mécum do Exército.

Líderes

O General Osorio já havia decidido ser o primeiro a pisar em território inimigo, na invasão do Paraguai, abril de 1866, antes mesmo de ter sido definido o ponto de travessia do Rio Paraná, na reunião dos chefes aliados, segundo o relato de Francisco Doratioto, na sua biografia do general.

Dirigindo-se à tropa, proclamou:

“Soldados! É fácil a missão de comandar homens livres; basta mostrar-lhes o caminho do dever. O nosso caminho está ali em frente.”

Criticado por ter feito pessoalmente, em sequência ao desembarque, o reconhecimento do terreno, expondo-se a toda sorte de riscos, ele retrucou:

“Deram-me civis e não soldados para combater o inimigo. Eu precisava provar aos meus co-

mandados que o seu general era capaz de ir até onde os mandava.”

Caxias, em Itororó, dezembro de 1868, decidiu empregar a unidade em reserva e comandá-la pessoalmente, atravessando a ponte para conter um violento contra-ataque paraguaio.

“Sigam-me os que forem brasileiros!” Seu brado passou à História.

Adiante, trechos do depoimento de Dionísio Cerqueira que tomou parte nesse combate:

“Passou pela nossa frente o velho general em chefe (...) que parecia ter recuperado a energia e o fogo dos vinte anos. (...) Perfilamo-nos como se uma centelha elétrica tivesse passado por todos nós. (...) O batalhão mexia-se agitado e atraído pela



nobre figura, que abaixou a espada em ligeira saudação a seus soldados. O comandante deu a voz firme. Daí a pouco, o maior dos nossos generais arrojava-se impávido sobre a ponte, acompanhado dos batalhões galvanizados pela irradiação da sua glória.”

Atravessada a ponte, Caxias comanda pessoalmente a carga final e conquista a posição.

Nesses dois tão conhecidos episódios da Guerra da Tríplice Aliança, enfrentando situações táticas decisivas para o sucesso das operações, os comandantes resolveram levar a alta dignidade de seus cargos à frente do combate. É sugestivo

Na foto ao lado, Batalha de Itororó.

que Osorio, na proclamação, se tenha dirigido a homens livres, atributo que soa ali como um pressuposto de empenho no cumprimento do dever.

Assim, o general de bravura legendária se apresenta atuando como guia confiável, companheiro de jornada disposto a percorrer, a todo risco, ombro a ombro com seus comandados, o caminho do dever.

Caxias convocou os que fossem brasileiros para seguir sua investida. Aos 65 anos, ele era um símbolo verdadeiro de devoção ao Brasil, um ídolo. Seu apelo ao patriotismo dos homens foi o bastante para empolgá-los.

Líderes, ambos não recorreram senão às próprias presenças e a tudo quanto representavam os feitos de suas vidas, para congregarem homens livres patriotas e conduzi-los à vitória.

Uma liderança exemplar é fonte ímpar capaz de deflagrar a reação em cadeia que a partir de uma suficiente massa crítica de ideais abstratos – os valores Militares – libera a energia das suas manifestações concretas – Patriotismo, Civismo, Fé na Missão do Exército, Amor à Profissão, Espírito de Corpo e Aprimoramento Técnico-Profissional – que se automultiplicam no sentido perfeito dos objetivos institucionais.

Chefes exemplares

Hiram de Freitas Câmara, em *A Força de um Ideal*, sua escurrita biografia do Marechal José Pessoa, discorre sobre a dimensão da verdadeira grandeza militar, afirmando que ela “cresce na relação de interdependência entre os homens, na guerra ou na paz”, para, mais à frente, concluir:

“Pode ser que a vida do soldado se encerre sem batismo de fogo, intuindo uma certa con-

tradição: rigorosa preparação e resoluta decisão de vencer uma guerra que não deseja.”

“A dimensão definitiva se aprofunda no espírito do soldado não-profissional – o reservista – (...) na medida do valor do chefe que o oriente e conduza no serviço militar.”

Os quadros profissionais que lidam diuturna-

mente com reservistas protagonizam, no âmbito das respectivas frações e subunidades, uma amostragem das crenças, atitudes e valores praticados na Força como um todo.

Assim, tudo o quanto manifestarem concretamente será objeto de avaliação individual pelo jovem, passará pelo crivo do seu juízo de valor e servirá como peça para que ele vá compondo, como em um mosaico na própria mente, a sua imagem do Exército.

Se tal imagem for capaz de sensibilizá-lo em nível tal que motive orgulho em fazer parte da instituição que o convocou, certamente revertirá projetada em seus superiores, sob a forma de crédito de confiança.

A citação do escritor, distinto colega de turma e amigo estimado, me levou de volta ao Colégio Militar, dessa feita ao Curso de Formação de Reservistas.

Com essa fase, veio a tão esperada oportunidade de “entrar em ação”, sob o comando dos



Marechal José Pessoa.

oficiais que já vinham cuidando do nosso dia-a-dia, no Esquadrão de Cavalaria.

Admirávamos sua dedicação e, à medida que demonstraram, na prática, que eram exímios executores de todos os procedimentos que nos ensinavam nas seções teóricas de instrução, mais confiantes ficávamos e mais aumentava o nosso respeito por eles.

Homenageio, aqui, na memória do então Capitão Paulo Renato Zenóbio da Costa, comandante exemplar que marcou a nossa geração, todos os oficiais a quem devemos orientação, ensinamentos e apoio preciosos nos primeiros passos da carreira militar.

Chefes dedicados e sempre presentes, foram padrinhos de batismo de fogo, fogo sagrado que vem iluminando o nosso caminho pela vida afora. Por isso, nunca os esquecemos.



Missão de paz no Haiti.

Em nome da paz

Há muito tempo, o Exército vem empenhando efetivos em forças internacionais que cumprem missões de paz. Já em 1966/67, tive o privilégio de integrar a Força de Emergência das

Nações Unidas, como segundo-tenente comandante do Pelotão Santa Catarina, do 18º Contingente do Batalhão Suez, operando na frente mais avançada da Faixa de Gaza, fronteira do Egito com Israel.

Em minha última comissão como general-de-exército, desempenhei o cargo de conselheiro militar da Missão Diplomática do Brasil junto às Nações Unidas, em Nova York, lidando com as missões de paz brasileiras então em andamento, particularmente a do Haiti, tão rica em ensinamentos quanto em sucesso, que dura até hoje.

O número e a complexidade dos envolvimento em que militares do Exército vêm sendo crescentemente empregados atestam o expressivo grau de credibilidade conquistado pela Força, titular de reconhecida experiência no cumprimento bem-sucedido de missões de paz, a partir daquela pioneira, no Oriente Médio. Mercê

desse conceito e à vista da própria expressão internacional do Brasil, considerados, ainda, os múltiplos cenários conflituosos em evolução no mundo, tudo leva a crer que devemos incrementar significativamente a capacidade de seguir atendendo a compromissos internacionais em missões dessa natureza.

Podemos pensar paz, *lato sensu*, como estado de harmonia do ser humano consigo mesmo, com os seus semelhantes e com o meio ambiente.

A primeira dimensão é *status* de consciência – consciência tranquila – paz interior, autoconformação plena com os valores que norteiam a vida e as decisões individuais; a segunda se

projeta nos relacionamentos, nos grupos humanos com os quais se convive; e a última dimensão tem a ver com o espaço físico dessas interações. Como tal, paz transcende o sentido de “não beligerância”.

Sob esse ponto de vista, cabe indagar se os brasileiros desfrutam a paz, sob as atuais circunstâncias reinantes no país. Seria ocioso estender considerações para fundamentar uma enfática resposta negativa. Mesmo assim, é importante destacar um aspecto que interessa mais particularmente à nossa abordagem.

É pública e notória a formação de organizações criminosas que, sistemática e ostensivamente, nos centros urbanos e no campo, consomem toda sorte de atentados à sociedade.

Nas cidades, o terror da escalada da violência desencadeada por esses predadores, sempre à espreita, assola a população que, apavorada, vai contabilizando suas vítimas – mortos, feridos e desaparecidos “ como nas estatísticas dos relatórios de baixas, em tempo de guerra.

Nas áreas rurais, operam grupos armados, saqueadores de propriedades públicas e privadas. Sob o disfarce do rótulo genérico “movimentos sociais”, são organizados e treinados para executar uma sequência planejada de invasões nos quatro cantos do território nacional.

Nos dois espaços, as organizações criminosas proliferam. Seus mandantes principais, quase sempre, ganham publicidade. É evidente o impacto desse descalabro no sistema de valores das pessoas, mormente no dos jovens, em plena fase formativa.

O quadro aqui esboçado nada tem de conjuntural, muito menos de ameaça contra a qual ainda fosse possível adotar medidas preventivas. Trata-se de infestação de caráter estrutural, cujo contínuo agravamento configura outra

possibilidade de emprego da Força, a instituição confiável e sempre pronta para cumprir sua missão, em estrita obediência ao mandamento constitucional.

O Exército vem dedicando experiência, recursos, tempo e talento para formar, instruir e adestrar contingentes aptos a atuar eficazmente em face de ambas as perspectivas de emprego descritas “ integrando forças internacionais de paz e executando operações garantidoras dos poderes constitucionais, da lei e da ordem “ que se equivalem quanto ao alto grau de complexidade.

Nelas, pequenos escalões que operam, na maioria das situações táticas, em áreas densamente povoadas, precisam estar articulados como verdadeiras equipes capazes de reagir, de forma imediata e controlada, à rápida evolução dos engajamentos em que os opositores não costumam hesitar, alvejando inocentes, visando à obtenção de quaisquer vantagens, como a de denegrir a imagem da tropa interveniente, junto à população local por ela protegida.

No *Vade-Mécum do Exército*, a *paz social*, em conjunto com “soberania”, “integridade territorial” e “unidade nacional”, integra o elenco de bens nacionais cuja defesa constitui dever ligado à manifestação *Patriotismo dos valores militares*.

Identicamente, “garantir os poderes constitucionais, a lei e a ordem” e “participar de operações internacionais”, além de “defender a Pátria” e “cooperar com o desenvolvimento nacional e a defesa civil”, são deveres inerentes à manifestação *Fé na Missão do Exército*.

A índole humanitária das operações de combate realizadas em nome da paz agrega um honroso sentido de generosidade às manifestações essenciais dos valores militares.

Sabre
de Caxias



Valor síntese

“Recebo o Sabre de Caxias como o próprio Símbolo da Honra Militar.”

No segundo segmento deste ensaio, sugeri que os valores militares, identificados como valores centrais do Exército, fossem visualizados à semelhança de resultantes de somas vetoriais de idéias-força sobre *Valores, Deveres e Ética Militares*, apresentadas no *Vade-Mécum*.

É tempo de retomar a imagem, na busca da resultante final, a quintessência desses ideais abstratos, um provável “valor síntese” dos nossos valores centrais.

A sentença em epígrafe é o juramento solenemente prestado pelos cadetes do Exército, desde dezembro de 1932, na cerimônia em que recebem o espadim idealizado pelo insigne Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, então coronel comandante da Escola Militar, miniatura do sabre por ele considerado “a mais preciosa relíquia militar brasileira”.

Alfred de Vigny é autor do livro *Servidão e Grandeza Militares*, publicado em 1835, que versa sobre sua vivência como oficial do Exército, cuja carreira foi cumprida, totalmente, em tempo de paz.

Prefaciando sua segunda edição pela Biblioteca do Exército, o eminente tradutor literário e

professor Paulo Rónai afirma: “Seja como for, de todos os livros escritos por um soldado sobre soldados é esse o que na história literária desfruta de maior notoriedade; esta única razão seria suficiente para que (...) os colegas brasileiros do Capitão de Vigny tomassem conhecimento de uma obra de permanente atualidade, porque de perene beleza.” Escolhi os trechos transcritos a se-

guir, em que o autor conclui sobre os sentimentos dos soldados profissionais da sua época, em tempo de paz, tentando preservar, nessa escolha, pelo menos um pouco do encanto que envolve o estilo elegante do “poeta prosador” laureado pela Academia Francesa:

“Que nos resta de sagrado?

No naufrágio universal das crenças, quais os fragmentos aos quais se podem agarrar ainda as mãos generosas?”

“Não é uma fé nova, um culto de recente invenção, um pensamento confuso; é um pensamento nascido conosco, independente do tempo, dos lugares e até das religiões (...). Essa fé, que me parece sobrar ainda a todos e reinar como soberana nos exércitos, é a da Honra.(...)”

Enquanto todas as virtudes parecem descer do Céu para nos dar a mão e nos erguer, essa parece vir de nós mesmos e tender a subir até o Céu. É uma virtude toda humana que se pode julgar nascida da Terra, sem palma celeste depois da morte; é a virtude da vida.(...)”

Dizei se é assim, vós, meus bravos companheiros, vós para quem eu fiz estas narrativas, ó nova legião tebana, vós cuja cabeça se fez esmagar nessa pedra do Juramento, dizei, todos vós, Santos e Mártires da Religião da Honra.”

O coração do soldado será sempre o relicário vivo da Honra Militar materializada no sabre do Patrono Duque de Caxias, símbolo e síntese exemplares de todos os valores morais historicamente preservados, praticados e cultuados pelo Exército Brasileiro.

Uma profissão de fé

No tópico *líderes*, citei trechos de pronunciamentos do General Osório, quando comandou a invasão do território paraguaio, em dezembro de 1866: no primeiro, exortou “homens livres”, a quem bastava sinalizar o caminho do dever; no outro, afirmou ter sido preciso provar que ele próprio era capaz de executar o que determinava aos “civis e não soldados”. Pois os civis voluntários, não obstante seu despreparo como combatentes, uma vez exortados pela proclamação do general e pelo poder da sua liderança na frente de batalha, imbuíram-se de consciência cívica e enfrentaram o inimigo. Não eram mesmo soldados, mas começaram a sê-lo naquele momento crucial e seguiram em frente, homens livres no caminho do dever.

A liberdade se realiza no exercício da cidadania e esta, no pleno assentimento aos direitos e

deveres cívicos. A imagem real do Exército está muito bem gravada na retina do povo brasileiro, porque resulta de trabalho honesto e persistente. Portanto, em si mesma, constitui um chamamento eloquente, com credibilidade para despertar as vocações de homens e mulheres livres.

A professora Karen Armstrong, autora do livro *Uma História de Deus*, registra: “*Há uma distinção entre a crença num conjunto de propostas e a fé que nos possibilita depositar nossa confiança nelas.*”

Assim, a crença motiva adesão; a fé inspira devoção.

O juramento de incorporação do postulante à carreira de soldado, escolhida livremente, é a profissão de fé que ele recita em nome da própria honra, quando se celebra o ritual em que sua vida é consagrada ao Exército.

.....
O GENERAL DE EXÉRCITO MANOEL LUÍS VALDEVEZ CASTRO pertence à Turma de 1962, arma de Cavalaria da AMAN.

Como oficial-general comandou a 14ª Bda Inf Mtz, a EsAO, a Bda Inf Pqdt, a 1ª DE e Guarnição da Vila Militar.

Foi comandante militar do leste.

Desempenhou os cargos de vice-chefe do DEP e de secretário de Economia e Finanças.

Foi Chefe do Estado-Maior do Exército e Conselheiro Militar da Missão Diplomática do Brasil junto às Nações Unidas, em Nova York.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. *Uma História de Deus: Quatro Milênios de Busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CÂMARA, Hiram de Freitas. *Marechal José Pessoa: a Força de um Ideal*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.

CERQUEIRA, Dionísio (citado em site da Internet – Ref. Site EB)

DORATIOTO, Francisco. *General Osório: a Espada Liberal do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROKEACH, Milton. *Crenças, Atitudes e Valores: uma Teoria de Organização e Mudança*. Rio de Janeiro: Ed. Interciência, 1981.

Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército. Valores, Deveres e Ética Militares (VM-10), 2002.

VIGNY, Alfred de. *Servidão e Grandeza Militares*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1975.